

Práticas de cura no encontro de culturas: jesuítas e a circulação de receitas médicas.

PATRÍCIA ALBANO MAIA*

Durante a época moderna houve, pela primeira vez na história da humanidade, trocas de mercadorias entre todos os continentes conhecidos. Este comércio propiciou a circulação de produtos e colocou em contato regiões geográficas muito distantes. Este aspecto econômico é já bem estudado pela historiografia.¹

Além desse contato surgido por meio das trocas comerciais houve também o encontro de culturas, que se deu entre a cultura europeia e as culturas dos povos que seriam colonizados por estes. Nos últimos 30 anos vários foram os trabalhos de história voltados para este aspecto, pesquisas que se dedicaram desde o primeiro contato entre a cultura do colonizador e colonizado e investigações que buscaram entender esses encontros culturais durante todo o período colonial.

É sobre as trocas culturais entre os jesuítas e as várias sociedades que compuseram o império colonial português que se debruça este trabalho. Nosso interesse específico é sobre a circulação de receitas médicas que ocorreram nos domínios lusitanos durante o período colonial. Para a realização deste trabalho utilizaremos como principal fonte documental a *Colleção de várias receitas e segredos particulares da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas as e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades*.²

Trata-se de um documento manuscrito de 688 páginas numeradas, publicado em Roma no anos de 1766, apesar de possuir todas as licenças necessárias para a publicação isto nunca

* Doutoranda no Departamento de História da Universidade de São Paulo. Professora da Universidade de Santo Amaro.

¹ Cf .E. WALLERSTEIN. *O sistema mundial moderno*. Porto: Afonetamento, s/d. v. 2; A.J. R. RUSSELL-WOOD, *Um mundo em movimento – os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*. Lisboa: Difel, 1998.

² Est documento encontra-se localizado no Archivum Romanum Societatis Iesu, em Roma (**Cod. Opp. N.N. 17**)

aconteceu. Organizado em ordem alfabética por nome de medicamento. É dedicada ao Coração Santíssimo de Jesus. Até o momento ainda não é conhecido o nome do organizador da coleção, segundo Serafim Leite este teria sido alguém da assistência de Portugal e passara pelas diversas missões ultramarinas.³ Concordamos que o autor ou organizador da coleção tivesse sido alguém que pertencia a assistência de Portugal, não só porque o texto está escrito em português, mas principalmente porque não cita boticas de fora do império colonial português. Com exceção de duas receitas que são indicadas com sendo do colégio romano.

Não concordamos com a afirmação de Serafim Leite que o autor ou organizador da coleção de receitas tenha passado pelas várias boticas dos colégios jesuíticos pertencentes ao império lusitano. Não há nada na obra que indique tal fato. Porém partindo da informação de que as cartas circulavam pela ordem somos levados a crer que quem organizou a coleção tomou conhecimento do valor das receitas aviadas nas boticas jesuíticas das colônias portuguesas por meio destas. Sabemos, por exemplo, que Anchieta escreveu várias cartas a seu superior descrevendo receitas de medicamentos que ele havia aprendido com os índios que estava catequizando na América Portuguesa.

Quando a troca de cartas entre o governo geral e uma província não estava funcionando mais, o Geral da ordem poderia nomear um visitador, o qual era investido de uma autoridade dada diretamente por ele. O papel exercido pelo visitador era o de regulador de conflito. A prática da visitação era uma exceção dentro do modo de governar da Companhia de Jesus, portanto seria pouco provável que um mesmo homem tivesse sido nomeado visitador várias vezes para resolver problemas em quase todo o império colonial português e que quando estivesse em sua visita tivesse tempo e interesse para recolher receitas médicas.

Do ponto de vista da apresentação e organização das receitas elas obedecem sempre à mesma configuração qual seja: nome do remédio, nome do Colégio a cuja botica pertencia (quando constava) e ou de seu autor quando era conhecido; discriminação dos ingredientes com suas respectivas medidas, tendo por base a libra medicinal de 12 onças. Depois se encontra o modo de preparo, seguindo cada passo e

³ Serafim LEITE, *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*.op. cit, p. 87.

por fim a posologia. Em alguns casos há a indicação do regime alimentar. Esta coleção, possui receitas de médicos e boticários famosos, cujas fórmulas eram aviadas em todas as boticas e medicamentos secretos privativos das boticas dos Colégios jesuíticos como é o caso da famosa Triaga brasílica, criação de um boticário do Colégio da Bahia. Utilizada para a cura de várias doenças, e conhecida pela rapidez com que agia, sua fórmula era mantida a sete chaves pelo boticário do colégio baiano, voltaremos a falar dela mais adiante.

Constam na *Collecção de varias receitas ...* quinze fórmulas de Curvo Semedo retiradas de suas obras *Polianteia* e da *Atalaia da Vida*, citadas com as respectivas páginas; cinco de Jacó de Castro Sarmiento; duas de Carlos Mussitano; e uma dos seguintes autores: Amezinki, João Schorderio e Manuel dos Santos. Junto com estas encontramos outras das boticas dos colégios situados nos domínios do império português: do colégio de Macau temos 27 remédios; de Évora, seis; de Lisboa, nove, sendo seis do colégio de Santo Antão e três de São Roque; de Goa, duas. Da América Portuguesa encontramos 62 medicamentos sendo: 38 do Colégio da Baía; sete do Recife; dois do Rio de Janeiro. Sem a indicação da botica, mas com o nome de jesuítas pertencentes a esta região temos: do irmão boticário André da Costa, dois; do irmão boticário Manuel Dinis, dois; do irmão boticário Francisco da Silva, onze. Há, ainda uma receita do Colégio de Roma.

Segundo nosso levantamento há 260 receitas nesta coleção; com indicação de botica ou boticário existem 131, as outras 129 não trazem indicados nem o nome de seu inventor nem da botica que possuía o seu segredo. A *Collecção de varias receitas ...* também possui índice dos medicamentos ao final do volume, descrição de pesos e medidas, lista com símbolos alquímicos, uma ilustração do corpo humano ensinando a técnica da flebotomia. Há lista explicando o que é ou como se faz determinado medicamento que consta nos ingredientes de algumas fórmulas, que sendo de uso corriqueiro não têm o seu modo de preparo na receita da qual faz parte, como é o caso da *água lactis* que é o soro do leite destilado ou a *casca peruviana*, *casca americana* que é a quina.⁴ Encontramos ainda ao final da obra antes do índice um rol contendo informações importantes para a manipulação das receitas. Em algumas fórmulas

⁴ *Collecção de varias receitas ...* . Memória muito útil de varias noticias e advertências. p. 507. e 509 respectivamente.

encontramos entre os ingredientes a indicação de um determinado remédio sem sua especificação, por exemplo, purgante. Após a apresentação das receitas encontramos uma lista citando quais produtos são considerados purgantes. Temos ainda um “*Index em que pela ordem alfabética se mostram as doses dos mais comuns remédios que se aplicam no uso interno tanto simples como compostos*”⁵, por exemplo do bálsamo apoplético pode-se consumir de um escrópulo até cinco escrópulos diários.

Para algumas receitas de medicamento o organizador deixa um comentário a respeito da sua eficácia, por exemplo, “*Pozes contra asma optimo, tintura odontologica para dor de dente optima*”.⁶ Tais observações demonstram o caráter empírico da obra, o organizador não copiou apenas receitas, mas buscou fórmulas que fossem tidas por médicos ou boticários como muito boas, provavelmente porque grande parte dos indivíduos que foram submetidos a um tratamento médico com elas se viram livres de seus males. As receitas constantes na obra não são boas apenas na teoria, mas porque foram experimentadas e por meio dessas prescrições mostraram-se eficientes no tratamento de doenças. No próprio título da obra encontramos este caráter empírico declarado – “*(...) Compostas e experimentadas pelos médicos e boticários mais celebres que tem havido nessas partes (...)*”. As receitas foram testadas por médicos e boticários, não por qualquer pessoa sem conhecimento da arte da cura, esta informação no título da obra busca dar credibilidade às formulas que ali estão descritas.

O organizador copiou as receitas consideradas, por ele, mais importantes de serem preservadas, mas sabia que seu trabalho não estava completo. Ao terminar a seleção de receitas começadas por uma determinada letra o organizador deixava algumas páginas em branco, para que novas receitas pudessem ser escritas, o mesmo ocorrendo no índice. A cada nova letra que começa há uma letra capitular muito elaborada, por exemplo, na “A” vemos o desenho de uma ave, na “B” uma borboleta e assim por diante.

No prólogo ao leitor encontramos expressos os motivos que levaram à sua organização:

⁵ *Collecção de varias receitas ...*, Index em que pela ordem alfabética se mostram as doses dos mais comuns remédios que se aplicam no uso interno tanto simples como compostos. p. 589.

⁶ As indicações dos medicamentos estão respectivamente nas páginas 306 e 430 da *Collecção de varias receitas ...*

*“Amigo e caritativo Leitor, não fiz esta collecção de Receitas particulares das nossas Boticas, senão p^a. q. se não perdessem tão bons segredos, e estes não andassem espalhados por todas as mãos; pois bem sabes q revelados estes, ainda q seja de tua Botica p^a. outra, perdem toda a sua estimação: o q. pelo contrario o mesmo he estar em segredo qualquer Receita experimentada, que fazem della todos tam grande apreço e estima com fama, e lucro considerável da Botica a q. pertence”.*⁷

Como podemos notar o primeiro objetivo declarado pelo organizador da *Collecção de varias receitas* ... foi a preservação das fórmulas médicas que eram mantidas em sigilo. Havia um segundo objetivo que pretendia que os medicamentos secretos permanecessem assim, de forma que a botica que os produzisse não tivesse nenhum prejuízo pelo fato de seu segredo ter sido revelado para outros boticários. Receava que se outros droguistas comesçassem a produzir o medicamento sigiloso de uma determinada botica, o valor deste cairia, provocando perda de renda para a botica criadora.

A data da obra é 1766, ou seja, posterior à expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses. O objetivo de preservar o conhecimento das receitas secretas como tal, devia estar ligado à questão da expulsão dos jesuítas das partes pertencentes a Portugal. Enquanto a ordem estava ativa nessas regiões, as fórmulas produzidas pelos jesuítas estavam garantidas quer como conhecimento quer como segredo. Porém com a expulsão isso deixava de ser tão certo, havendo o risco de desaparecerem ou de tornarem-se muito conhecidas perdendo desse modo seu valor, seja porque o conhecimento produzido pelas boticas jesuítas desapareceu, seja porque se tornou conhecido demais. Como o próprio organizador afirma, ele fez a coleção dos medicamentos de segredos para que esses não andassem por todas as mãos, ele provalvemente estava pensando em deixar o conhecimento dessas receitas apenas para os boticários jesuítas.

⁷ *Collecção de varias receitas* ... Prólogo ao Leitor.

Sendo assim, a coleção foi feita para circular apenas no âmbito interno da Companhia de Jesus, ou seja, ela seria uma coleção privada estando disponível, a princípio, apenas aos membros da ordem.

Sabemos que para os jesuítas o atendimento a saúde era uma das atividades que de dedicavam com mais afinco, além da catequese e da educação.

João Paulo de Oliveira e Costa observou que as ações de evangelização dos jesuítas, fossem elas no Oriente, na América ou na África, não se desenvolviam de maneira uniforme. Onde a presença das autoridades régias portuguesas era marcante e inequívoca, o modelo de converção tendia a ser “excessivamente ocidentalizador”, mas nas regiões fora do domínio direto do Império português “foram ensaiadas numerosas abordagens inovadoras”.⁸ Podemos dizer que o mesmo ocorria quando o assunto era atendimento à saúde.

Uma das determinações de Inácio de Loiola ao criar as regras da Companhia de Jesus foi a troca sistemática de cartas. Por meio destas os jesuítas contavam as dificuldades que enfrentavam, as práticas que deram ou estavam dando certo, enfim tudo que pudesse ajudar não só no processo de cristianização das populações das áreas coloniais, mas também tudo que pudesse ajudar outros irmãos no processo de adaptação às novas sociedades nas quais estavam servindo.

Acreditamos que as práticas terapêuticas utilizadas pelos jesuítas nas diversas regiões o império circularam por meio dessas cartas.

Trataremos aqui das práticas de cura às quais podemos atribuir um certo cientifismo. Veremos algumas fórmulas médicas que consideramos que tenham circulado por regiões do império português por serem consideradas eficientes no combate a determinadas doenças.

Um dos famosos segredos dos inicianos era a Pedra Cordial ou de Gaspar António. Esta tinha tamanha notoriedade e, por isso grande valor econômico, que passou a ser falsificada ou imitada por boticários de Goa, que a exportavam,

⁸ João Paulo de Oliveira e COSTA. A diáspora missionária. In: João Francisco MARQUES e Antônio Camões GOUVEIA. (coord.). *História religiosa de Portugal: Humanismo e Reformas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. v. 2. p. 279. O autor usa o conceito de acomodação cultural ao definir essas abordagens inovadoras

principalmente, para o Reino. Tal prática lesava os jesuítas, que possuíam a sua autêntica fórmula secreta e, portanto, o seu monopólio de produção e comercialização.⁹

Obviamente que os irmãos da Companhia de Jesus começaram a reclamar junto ao rei a respeito das falsificações, e por causa dessas queixas o rei determinou em Carta régia ao Governador da Índia que não fossem mais exportadas as pedras cordiais que não fossem as verdadeiras. Justificava tal medida dizendo que os boticários de fora da ordem produziam as pedras sem conhecer todos os ingredientes que as compunham e sem saber o exato modo de prepará-las.

As Pedras Cordiais de Goa tinham grande prestígio e eram consumidas em larga escala nas quatro partes do mundo, como diria Affonso da Costa, principalmente nas cidades onde os jesuítas tinham colégios. Tinham tanta aceitação que a botica do Colégio de Macau resolveu desenvolver sua própria fórmula.

Na *Colleção* há duas versões da preparação da pedra cordial, acrescida de uma terceira muito semelhante, chamada Pedra bazar artificial da Botica do Colégio de Macau. As três receitas preparavam-se da mesma maneira, com vários simples idênticos de origem mineral, triturados.

Ao analisar as três receitas de segredo, percebe-se que estas são quase idênticas. Na Botica de Macau se fabricava a pedra cordial de Goa, juntando-se-lhe como aditivos raspas de unicórnio, cânfora, olhos de caranguejo, raspas de marfim, terra sigilada, bolo armênio e ispódio; foram dispensados, neste caso jacintos, pedra de cananor e língua de S. Paulo. Aliás, entre as duas receitas de pedra cordial preparadas em Goa nota-se, também, uma pequena diferença porque, da segunda, não constam as ditas línguas de S. Paulo, provavelmente difíceis de adquirir ou caídas em desuso e menciona-se terra de Malta em lugar de terra de S. Paulo, nomes que, aliás, se referem ao mesmo simples, assim como terra sigilosa.

Pelos elementos que são usados em sua constituição da famosa *pedra de Gaspar António*, chega-se à conclusão que este medicamento de segredo devia operar não só pelos possíveis méritos dos seus componentes, mas sobretudo pela sua fama e pela

⁹ Serafim LEITE. *Op. cit.* p. 14, informa que as pedras cordiais tiveram tanta voga que foram levadas pelos jesuítas chegaram aos confins do Extremo-Oriente, até Pequim, e foram usadas até pelo Imperador da China. De Pequim chegaram até a Rússia enviadas para o célebre médico Ribeiro-Sanches.

credibilidade da botica que o produzia: a do Colégio de Goa, famosa pela qualidade de seus remédios.

Vejam os mais alguns exemplos de receitas que provavelmente circularam pelas boticas jesuíticas. Encontramos na *Colleção de varias receitas...*, algumas receitas que aparecem com a indicação de dois colégios como sendo seu local de produção, por exemplo, o Balsamo apoplectico das boticas dos colégios de Macau e da Bahia; o Balsamo apoplectico das boticas dos colégios de Macau e da Bahia optimo para as mulheres,¹⁰ para casos como esses pode ter ocorrido a transferência do irmão que criou ou produzia a receita de um colégio para outro. Ou o irmão boticário de um dos dois colégios tomou conhecimento da fórmula produzida em outro colégio por meio da correspondência trocada entre os membros da Companhia de Jesus. Uma coisa é certa: para que isso pudesse acontecer nas duas boticas, tinha que ter acesso aos mesmos ingredientes.

Na *Colleção de receita do Colégio Romano* existem duas receitas, uma o Emplastro contra roturas¹¹ e a Triaga optima.¹² Como o título da coleção informa nela estão presentes os medicamentos produzidos pelas principais boticas da Companhia de Portugal, da Índia, de Macao e do Brazil. Como podemos notar receitas criadas em boticas fora do império português também foram aviadadas nestas, mostrando com isso que houve a circulação de receitas médicas produzidas pelos jesuítas entre as diversas boticas da Ordem. Acreditamos que tal fato ajuda a ratificar a hipótese deste trabalho que afirma que as receitas circularam.

Há ainda nesta coleção de receitas, cinco fórmulas de Triagas: Triaga brasílica, triaga brasílica reformada, Triaga optima, Triaga da India, e a Triaga contra lombrigas. Com exceção da última as demais são medicamentos polivalentes.

A Triaga brasílica foi desenvolvida na Botica do Colégio da Bahia com inspiração nas triagas produzidas nas boticas dos colégios de Roma e de Veneza. Ele foi um dos segredos que mais alvoroço causou na América Portuguesa, tanto que quando os

¹⁰ *Collecao de varias receitas...*, p.65-67.

¹¹ *Colleção de varias receitas...*, p. 125.

¹² *Colleção de varias receitas...*, p. 413.

religiosos foram expulsos em 1759 um funcionário real tentou localizar sem sucesso a receita entre os bens dos jesuítas.

Este era um medicamento polivalente com a função de curar doenças das mais diferentes manifestações, formulado em imitação das triagas europeias, mas enriquecido com as plantas do Brasil. Este segredo dos jesuítas, tão cobiçado, constitui formulação típica do século XVIII, ou seja, de ser um remédio universal, mas que já existia desde a antiguidade.¹³

*“A Triaga Brasilica he um Antídoto ou Panacea composta, à imitação da Triaga de Roma e de Veneza, de varias plantas, raízes, ervas e drogas do Brasil, que a natureza dotou de tão excellentes virtudes, que cada huma por si só pode servir em lugar da Triaga da Europa; pois com algumas raízes, de que se compoem este Antídoto, se curao os Brazis de qualquer peçonha e mordedura de animais venenosos, como também de varias enfermidades, só com mastiga-las. E a experiência tem mostrado há tantos annos para cá que, se não he melhor que a Triaga da Europa, ao menos não lhe he inferior em cousa alguma; e muitos Professores da Medicina só uzavao desta, por ser a que mais occasioens lhe obrava mais prontamente”.*¹⁴

Podemos notar pelo trecho do documento citado acima que a Triaga Brasília circulou não só na América Portuguesa, mas também na Europa, pois acreditamos que os professores de medicinas a que se refere o documento sejam das faculdades europeias e não só médicos que vivessem no Brasil, pois conforme a documentação eram poucos nestas paragens.

Há no trecho citado certo tom propagandístico sobre a Triaga Brasília, mostrando que esta era tão boa se não melhor que as Triagas Europeias, provavelmente isso se dá porque os fármacos estão disputando o mercado consumidor, pois o remédio brasileiro já tinha fama de que era eficiente, como já se viu antes. Se os medicamentos disputam mercado é porque eles circulam além das fronteiras dos seus locais de produção.

¹³ Sobre a existência de triagas no mundo antigo ver Vera Regina Beltão Marques. *Op. cit.* especialmente as páginas 241 a 248.

¹⁴ Archivum Romanum Societatis Iesu. *Opp.* 17, *Collecção de varias receitas ...* p. 407-408.

O fármaco brasileiro era preparado com vinte e uma raízes, extratos, gomas e substâncias químicas (óleos e sais)¹⁵. Havia diferenças entre a receita da Triaga Brasília e da Triaga Brasília Reformada. Na segunda eram acrescentadas substâncias químicas. e era tida por seu idealizador como mais eficaz.

A Triaga Brasília era indicada para o tratamento de mordedura de qualquer espécie de cobras, qualquer dor interna, estancar curso, epilepsia, apoplexia, melancolia, febres malignas, bexigas, sarampo, histerias, doenças da madre.¹⁶ É de uso adulto e pediátrico, pois serve também para as crianças que têm cólica, febre e outras enfermidades causadas por verminose.¹⁷

Era o caráter polivalente dos medicamentos de segredo que fazia com que gerassem um bom lucro, pois estes eram produzidos em larga escala, podendo ser estocados, uma vez que sua administração poderia ser indicada para quase todo tipo de doença, atingindo um mercado consumidor bastante amplo, ao contrario de remédios aviados especialmente para um doente. Provavelmente as boticas jesuíticas se dedicavam à produção de medicamentos de segredo, deixando para outras boticas a responsabilidade de produzir os fármacos individuais, que possivelmente geravam menos lucro e mais trabalho.¹⁸

Dos 27 produtos vegetais que compõem a receita quase todos eram originários ou cultivados na Amércia portuguesa, menos as raízes de acoro, de aristoloquia redonda, de junca e de malvaisco, vidas de Portugal, conforme esta indicado na *Collecao de varias receitas...* . Diversos ingredientes como raiz de jaborandi, de pagimiroba e cipó de cobra eram encontrados na quinta do colégio da Bahia.¹⁹ Quem copiou esta receita para a *Collecao de varias receitas ...* teve a preocupação de

¹⁵Ao todo são utiizadso 27 ingredientes nesta receita

¹⁶ As doenças ginecológicas eram denominadas enfermidade ou doença da madre e estão tematizadas por Mary Del PRIORE. *Ao sul do corpo: condição feminina e maternidade no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

¹⁷ As virtudes da triaga estão expostas na *Colleção de varias receitas* p. 408-410.

¹⁸ Para a discussão da produção em série dos medicamentos de segredo ver Vera Regina Beltrão Marques. *Op. cit.* p.247.

¹⁹ Para se conhecer a taxonomia modernas das plantas da Triga Brasília ver: Fernando Santiago dos SANTOS. *Os jesuítas, os indígenas e as plantas brasileiras: considerações preliminares sobre a Triaga Brasília*. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo,2003.

informar o local onde as plantas poderiam ser encontradas, havia as que eram produzidas nas quintas dos colégios residências, aldeias jesuíticas e no sertão.

As plantas medicinais da *Triaga Brasília* são descritas em uma seqüência não alfabética, de onde se pode apreender seis grandes divisões: raízes, sementes, extratos, gomas, óleos químicos e sais químicos.

Como já dissemos anteriormente das 27 espécies vegetais que compõem a Triaga a maioria era produzida aqui na América portuguesa, apenas 4 plantas tinham de ser importadas de Portugal, as demais ou eram originárias daqui ou haviam sido aclimatadas pelos jesuítas em uma de suas propriedades. Segundo Santos, das espécies botânicas utilizadas como ingredientes na Triaga Brasília 18 eram autóctones, duas de origem desconhecida e 17 eram alóctones de origem variada.²⁰

Por esta informação podemos perceber a preocupação que os jesuítas tiveram em conhecer a utilidades das plantas medicinais nas várias regiões do império português e o trabalho que desenvolveram em aclimatar plantas consideradas úteis nas regiões onde estavam estabelecidos. A função medicinal das plantas foi descrita nas cartas e circularam entre as diversas boticas. Com a informação sobre as várias plantas medicinais espalhadas pelas várias missões os irmãos boticários puderam criar remédios que mesclassem essas plantas. Se conseguissem aclimatar às plantas às diversas regiões tanto melhor pois a produção dos medicamentos ficaria facilitada, não dependendo da importação dos ingredientes. A triaga brasileira, ao que tudo indica, parece ser um bom exemplo dessa afirmação. Se os jesuítas se preocupavam em aclimatar plantas nas várias regiões onde estiveram era porque consideravam que essas plantas seriam úteis no tratamento de doenças, isso indica que eles pretendiam confeccionar medicamento utilizando essa planta. Para fazer o medicamento com a planta aclimatada eles precisavam ter acesso à receita, o que nos faz crer que os jesuítas faziam circular pelos vários colégios as receitas que julgavam úteis.

O movimento de coleta e incorporação de terapêuticas locais por parte dos missionários jesuítas também foi observado por Ana Maria Amaro em seu estudo a respeito das fórmulas produzidas pelo Colégio de São Paulo, em Macau. A autora observou uma grande influência da medicina chinesa no receiturário do jesuítas desse colégio. Ela, assim como nós, percebeu que os missionários da Companhia de Jesus

²⁰ Fernando Santiago dos SANTOS, op. cit, p. 92.

foram personagens significativos na circulação dos saberes médicos, pois a constante troca de cartas contendo informações sobre plantas medicinais gerou uma mundialização das receitas e das práticas de cura .²¹

Essa mesma autora, afirma que os macaenses acrescentaram à receita das “*Pillulas douradas da botica do collégio de Macao. Celebrerrimas em todo o reyno da Conchinchina*”,²² a abuta, espécie vegetal originária da América portuguesa.²³

Heloísa Meireles Gesteira, pesquisou um manuscrito de 1580 intitulado *Curiosidad um libro de medicina escrito por los jesuítas em lãs misiones del Paraguai*.²⁴ Constatou que houve informações médicas compartilhadas entre os jesuítas servindo na América portuguesa e os que estavam na região do Paraguai.. O autor desse livro delcara que serviu como médico no Colégio de Madri por 30 anos, ao longo da obra vai se referindo aos lugares por onde esteve: Colégio de Córdoba na província de Tucumán e Colégio de Assunção. Em uma das partes do livro escreveu as informações “*de las yerbas, y raíces medicinales de estas misiones, y Paraguay, com algunas del Brasil, y Provincia do Chile.*”²⁵

O autor desta obra com certeza assimilou práticas de curas da várias regiões onde serviu e as ensinava nas regiões por onde ia passando. Podemos perceber que este jesuíta fez circular várias informações seja por meio de cartas, seja por meio de sua presença nos colégios. Inferimos isso da informação que Gesteira dá de que os produtos mencionados na obra não são apenas os nativos daquela região da América.²⁶ Segundo essa autora, encontra-se no livro informações sobre o uso da pimenta, do cravo, da noz moscada, da canela, do cacau, do balsamo copayba “*muy conocido y usado por toda la*

²¹ Ana Maria AMARO. Influencia da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus. *Revista de Cultura*, Macau, v. 30, p. 53-68, 1997.

²² *Collecao de varias receitas ...* , p. 278-281.

²³ Ana Maria AMARO. Op. cit, p. 63.

²⁴ Pela descrição que a autora faz do livro este nos pareceu muito semelhante à coleções de receitas que estamos estudando, tanto no que diz respeito ao conteúdo, quanto à apresentação . Heloisa Meireles GESTEIRA. A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi*, v. 5, n. 8, p. 71-95, jan-jun. 2004.

²⁵ Heloisa Meireles GESTEIRA. A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi*, v. 5, n. 8, p. 71-95, jan-jun. 2004.

²⁶ Heloisa Meireles GESTEIRA. A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi*, v. 5, n. 8, p. 71-95, jan-jun. 2004, p. 84.

Europa, África y América, y com gran estima e subido precio em el Japon y China.”²⁷ Encontramos na *Árvore da vida...* uma fórmula médica para a cura da cólica que sugere que se beba o chocolate, “*Para a cólica de flatos beba uma xícara de chocolate feito com agoa.*”²⁸. Nesta mesma coleção há alguns medicamentos que colocam entre seus ingredientes o balsamo de copayba. Por exemplo, para o estupor temos o seguinte remédio: “*Taobem servem e são muito efficazes para esse mal os bálsamos naturaes, v. g. o do Peru, e o do Brasil ,ou seja o balsamo preto, ou o de copayba chamado balsamo branco (...).*”²⁹

Para finalizar, consideramos a nossas duas coleções de receitas e o manuscrito apresentado por Gesteira como bons exemplo da ação jesuítica no que tange a coleta e o controle sobre o conhecimento médico. Os manuscritos são um conjunto rico de informações a respeito das potencialidades dos produtos da natureza nas várias regiões em que os inicianos desenvolveram suas ações missiológicas. Acreditamos que eles nos mostram como o conhecimento das práticas médicas circulou e foi sistematizado pelos irmãos responsáveis pelo atendimento à saúde.

²⁷ ANOMINO, *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuitas en las misiones del Paraguay*. Biblioteca Nacional do rio de Janeiro, Sessão de Manuscritos, mss I –15-02-26, p. 10. Apud. Heloisa Meireles GESTEIRA. Op. cit, p. 85.

²⁸ Affonso da COSTA. *Árvore da vida...*, folha 14, tronco 1, parte 1, ramo 3.

²⁹ Affonso da COSTA. *Árvore da vida...*, folha 5, tronco 1, parte 1, ramo 5.